

As químicas do amor 10

Arnaldo Dominguez*

*“A luxúria em ação é alma dissipada
em gosto vergonhoso, e até passar à ação
ela perjura e mata, é bárbara e culpada,
rude, extrema, sangrenta e cheia de traição;
relegada ao desprezo assim que possuída;
buscada além do juízo e, assim que desfrutada,
acima da razão odiada: isca engolida,
só para enlouquecer o engolidor amado;
insana ao perseguir e assim na possessão,
extrema ao ter depois de ter e quando à espera
bênção na prova, mas provada, uma aflição,
antes uma alegria, após, uma quimera:
tudo isso o mundo sabe, embora saiba mal
como evitar o céu que leva a inferno tal”*

* Médico. Especialista em Psicanálise. Coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Minorias Sexuais

O tapete do consultório tem inspirado metáforas por diversas vezes, por um lado para ocultar e por outro, revelar, os secretos metabolismos de aquelas químicas que poderia chamar: do amor (evito aqui, o termo "humano", pois parece-me um pleonasma. O amor, a sexualidade, enfim, a linguagem, são sempre: humanos).

*“Que duro jornadaear é o meu por esta estrada
Quando o que busco, o fim para que ansioso sigo,
faz que me diga a calma e a paz sempre sonhada:
quantas milhas está longe o meu amigo”*

Estes trechos escolhidos de sonetos escritos por W. Shakespeare, a que utilizo, se quiserem, como prólogo, são ilustrativos por si sós para os fins que procuro neste ensaio (a arte ilustra *per-se*).

Trata-se, em primeira instância, de levantar o tapete para desvendar os enigmas que aprisionam aos clientes a rituais de acasalamento (muitas vezes verdadeiras “atuações” do inconsciente), fundamentalmente quando estes, *a posteriori*, os atormentam com angústias e culpas incorporadas a partir do desejo do Outro, através de construções morais do sagrado e do profano, postuladas pelos discursos dominadores (talvez aqui faça algum sentido a idéia de Gerard Pommier a respeito do monoteísmo, que citarei mais adiante).

Na minha atuação psicanalítica observo com freqüência, que o tapete representa a autodenominação outorgada (valha a ambigüidade da expressão) às “identidades sexuais” dos indivíduos sociais, sob o qual esconde-se o “duro jornadaear por esta estrada” cujo propósito de “calma e paz” parece apontar à dimensão do encontro desse “amigo” tão distante. Esse objeto perdido. Ou como disse-me um dos clientes, “esse quebra-cabeça que veio com uma peça a menos”. É claro que é esta a peça procurada (se não fosse de algum modo conhecida. não se saberia que está faltando).

Peça-causa-do-desejo, uma verdade incognoscível, um mistério, é esse “objeto-outro”. O amor -célebre informal -é também, uma metáfora de uma verdade impossível de ser dita para o outro com o qual se faz o laço.

Não é possível, portanto, uma objetividade ou uma tal genitalidade normal, capazes de resolver esta questão (perdoem-me os positivistas das teorias evolutivas, mas em princípio, penso que toda fantasia é perversa, pois trata-se de uma ilusão). A da plena e absoluta satisfação do desejo. A paz, que provavelmente só se consegue ao descansar em paz. Nunca antes! (talvez isto justifique a assertativa de Serge André a respeito do perverso que procura a morte). Este desejo perverso já era discutido por Freud, por exemplo, no “mais além do princípio do prazer”.

Não quero me centrar na contra-argumentação aos conceitos de aqueles autores que continuam a situar a “homossexualidade” no capítulo das perversões pois, do mesmo modo que Jurandir Freire Costa (guardan-

do as devidas proporções), resulta-me desanimador debater com interlocutores contaminados pelas ladainhas dos discursos iluministas, logo, obsoletos e caducos, encapados por falsos moralismos de um suposto-saber de maestria, colocando-se no lugar dos legisladores em prol de um bem supremo.

Sabemos que na clínica, todos os clientes sofrem independentemente da genitália do objeto amado.

Não gostaria, todavia, banalizar o pesar acrescentado aos excluídos do discurso da norma, precisamente por que esta exclusão fóbica a que encontram-se submetidos, subtraí-lhes, mais ainda, o direito de amar e de procurar a felicidade, uma vez desalienados do desejo do Outro.

*“Também o jogador é prisioneiro / de outro tabuleiro,
de negras noites / e de brancos dias.
Deus move o jogador / e este, a peça
Que Deus, detrás de Deus / a trama impeça ?
de pó e tempo e sonho e agonia... “*

Jorge L. Borges

Concordando com o Convencionalismo Moderado de Duhem (1861-1916), sem cair em idealismos neo-positivistas, entendo que a Ciência tem reconhecidamente o caráter de convenção, mas onde isto não afeta o seu valor enquanto conhecimento objetivo. Pois como a natureza não pára de produzir e o humano não cessa de compreender, a teoria científica pretende formular, de maneira mais simples e concisa, representações dessa realidade para o acesso à mente humana.

A neutralidade do cientista ou do clínico é, basicamente, impossível.

Não há como se alcançar o ideal das posturas, ética ou *emica*. Por isso é necessário o incessante reconhecimento dos preconceitos e das apologias.

O que não significa que duas hipóteses incompatíveis possam conviver (como a teoria corpuscular e a teoria ondulatória da luz). Uma vez que sua validade deverá ser vista, como propõe Duhem, pela possibilidade de sua aplicação no conjunto das teorias aceitas nessa época, e não pela experimentação com aquela hipótese isolada buscando comprová-la ou negá-la de modo irrefutável e inequívoco.

A ciência não pode ser uma paralisação do espírito, como disse Bergson (1859-1941), visando a objetividade, ou seja, visando a percepção para fins utilitários de ação na realidade.

Poincaré (1854-1912) reconhece que não há a possibilidade de conhecer nada, mas como somos obrigados a agir, é necessário estabelecer algumas normas convencionais, que não tem o caráter de verdade em relação a outras regras, mas sim de normas de ação através das quais é possível obter êxito quando comparadas com essas outras regras.

Qual é o êxito esperado pela psicanálise, por exemplo?

No meu caso particular, o desejo de analisar destina-se a criar uma parceria com os clientes, e assim levá-los ao encontro com a angústia do ponto de partida, para que possam resolvê-la, através de uma melhor saída que a do medo, da conversão, da atuação, do deslocamento, da projeção, etc.

Então, o analisando, poderá engajar-se no discurso, como um sujeito do ato, do desejo e do prazer. Castrado, sim, mas com dignidade.

Melhor ainda se for como ressalta o nome do grupo de militância que foi montado pelos nossos clientes: CORSA. E que significa: cidadania, orgulho, respeito, solidariedade e amor.

Pois bem, feitas estas considerações, creio que posso começar a elaborar questionamentos, porque situo-me na posição da dúvida, para refletir, isto é, formular pensamentos que se pensem a si mesmos. De início, já pergunto: Que entendo por “Minorias Sexuais”?

Estou me propondo a estudar as relações de Gênero existentes nesta categorização, e esta ainda me resulta arbitrária!

Tratar-se-ia de um conceito sociológico, antropológico, filosófico ou psicanalítico?

Como faltam-me conhecimentos, vou ter que pedir a ajuda da equipe (para tal, congregamo-nos num Núcleo de Estudos).

De minha modesta contribuição, arrisco-me a sugerir: as Minorias Sexuais são as diversas partículas que constroem o EU, pensado como um Eu Sexual. Como sendo uma MÔNADA, tais partículas. Cada um dos seres indivisíveis, porém, de natureza distinta, que segundo o sistema de Leibniz (1646-1716) compõe o Universo (este filósofo e matemático alemão, criou o conceito do cálculo infinitesimal).

Logo, representariam fragmentos impossíveis de serem unificados caso quiséssemos construir uma “totalidade”. A totalidade é tão só um Falo imaginário, que segundo Lacan, encontrar-se-ia no núcleo vazio de EU do sujeito.

O NÚCLEO NARCÍSICO

“Quando alguém pensa que o narcisismo é amar a si mesmo, ele dá uma definição geral, boa, que até um leigo aceitaria. Mas em psicanálise, amar a si irnesmo não é o narcisismo. O narcisismo, estritamente falando, e mais precisamente o narcisismo secundário, não é amar a si mesmo, é amar a si mesmo através das imagens, como amo meu sexo. Mas o si que amo não é meu membro sexual, o si que amo é o “eu sexual”. O narcisismo secundário é amar a si mesmo através das imagens, amar a si mesmo como amo meu sexo, amar a si mesmo entendendo que o si mesmo é o sexo. Porque o eu, aí, está identificado com o sexo. Claro, teríamos que definir o que é sexo”.

Mas isto é uma tarefa muito complexa, como a de definir o que são as ditas “Minorias Sexuais” a não ser que me baseie em conceitos que levam em consideração as oportunidades sociais e a questão da VISIBILIDADE, sendo esta o valor ético fundamental se destinada à liberdade humana, que é da ordem do público, portanto inscrito no campo da política.

Vou, por ora, contentar-me em falar de desejo, pois é o “sujeito do desejo” que está em pauta, e o “objeto desejado”, evidentemente.

“Qualquer objeto pode, em princípio, desencadear o movimento do desejo, a curva de um ombro ou um pedaço de borracha, o cabelo ou o pé, o outro sexo, mas também o próprio, podem, conforme os corpos, evocar o prazer (...)

Diferentemente, necessariamente, da diferença que reaviva como prazer de zona, o objeto deve ser concebido como elemento estranho ao corpo que ele excita (...) O objeto é fundamentalmente o outro corpo cujo encontro atualiza ou torna sensível a dimensão essencial da separação. Mas esta separação do entre-dois-corpos através da qual se revela o modelo primordial da alteridade não basta para explicar o fato de que o objeto apareça na prática, não somente como outro corpo-em sua coerência ou em sua unidade orgânica - mas muito mais freqüentemente como um pedaço por sua vez desprendido ou caído do conjunto (...) Vê-se que assim como qualquer parte do corpo é uma zona erógena- portanto uma “letra “ em potência - paralelamente qualquer parte do corpo pode se tornar objeto (...) Essa relação - entre a letra e o objeto - surge como um modelo daquela que constitui a relação sexual propriamente dita”.

“(…) O corpo é o primeiro livro em que se inscreve o rastro antes que seja, como traço, abstrato, e desde então dotado de sua essencial propriedade de poder ser repetido semelhante a si mesmo, ou quase, em sua elementar materialidade (materialidade abstrata), que faz aparecer a necessária referência ao objeto. por conseguinte, ao corpo (...)

(...) A função subjetiva surge como algo que parece suportar ou suscitar o desvanecimento do prazer, ao mesmo tempo em que, por seu privilégio, oculta a anulação do gozo. Não há sujeito concebível a não ser nessa relação de anulação com o gozo e não se pode falar de gozo fora dessa relação de oscilação com o sujeito assim evocado. Ninguém pode dizer “eu gozo” sem se referir a um abuso intrínseco à linüagem, ao instante do prazer passado ou futuro - instante esse em que precisamente toda possibilidade de dizer se desvanece.”